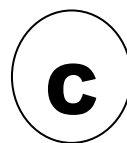


Caderno Português



Jack G. /2014

Conteúdos

Tenho uma dívida com todos meus amigos portugueses. Gosto de escrever, mas a minha dificuldade na língua de Camões faz que por agora as Memórias sejam apresentadas sempre em Espanhol. Por isso o começo deste Caderno Português, nele vou tentar recolher algumas das histórias, experiências e notas de diário da minha vida no Moçambique, Brasil, e Portugal.



Nesta primeira entrega do Caderno, apresento materiais do Lar Marista de Ermesinde, (Porto), onde morei de 2003 a 2006 e retornei depois cada ano, com umas páginas informativas, sete relatos curtos pegados do meu diário, e um Documento de notas sobre as minhas visitas na região a cinco lares de crianças e jovens em risco para ter referência com a organização e programas do Lar Marista. No futuro gostaria escrever sobre a Casa da Criança de Tires.

Caderno Português - I –

- **Rostos Maristas – Ir. Jack G. (Entrevista no Boletim Marista Carcavelos nº 25/2012)**
- **Lar Marista Ermesinde (Publicado em 2004)**
- **Sete relatos curtos** (Textos elaborados com ajuda do meu professor de Português Sr. M. Mendes)
 - “O Kiko morreu”
 - “A procura da mãe...”
 - “Uma cobra na piscina”
 - “O novo utente E. F. “
 - “Saber ler nos olhos. O Serginho”
 - “O Pedrinho, o mais novo”
 - “Sou eu, tenho medo”
- **Documento “Lares de crianças e jovens na Região de Porto”**
 - Com saudade e carinho das crianças, educadores /as e amigos do Lar Marista.
 - Para uma boa leitura em PDF [abrir em pantalha completa](#).
 - Para informação atualizada abrir a web: <http://maristasermesinde.wordpress.com>

ROSTOS MARISTAS – Ir. JACK G.

O Ir. Jack leva conosco no CMC quase três anos. Oriundo de Burgos, Espanha, colabora este curso na Catequese de 6º e 9º e como coordenador das Campanhas de Solidariedade. Ao mesmo tempo trabalha como voluntário educador na Casa da Criança de Tires, e na Fundação Champagnat em Lisboa. Com uma vida rica por trás em África e América e no contexto da festa de São Marcelino Champagnat, fundador dos Irmãos Maristas, perguntamos-lhe sobre a sua vocação e o que significa para ele ser irmão marista hoje.



- Porque escolheu ser irmão marista e quando começou?

Entrei no Noviciado Marista em Burgos em 1962, e já tinha claro que o que eu queria era mudar o mundo. Certamente que com 15 anos eu era ingênuo, mas era bom ser idealista e ter a coragem para fazê-lo.

- E nunca teve problemas ou se arrependeu desta decisão?

Tive problemas e dúvidas varias vezes. Mas os mais de 15 anos vivendo em África entre os mais pobres (Zimbabué, Zâmbia, Quênia), onde cheguei em 1969, ajudaram me imenso para continuar ao serviço da missão e de Deus. Hoje, 50 anos depois, o meu mundo tem uma riqueza maravilhosa de rostos que fazem parte da minha história e vocação, rostos, sobretudo, de crianças que pedem pão e carinho. Sei que eu não mudei muito o mundo, mas estes rostos sim têm transformado a minha visão e dirigido o meu idealismo. Além demais em Zâmbia foi Director de vocações e vários dos meus alunos/as são agora maristas ou padres ou freiras. Em Nairobi temos um Centro Marista Internacional, o MIC, onde estudam Catequese e um mestrado mais de 80 jovens irmãos africanos. Eu foi um dos fundadores em 1987 e os meus antigos alunos continuam hoje o sonho de Marcelino em África.

- Em todos esses anos na África nunca trabalhou em Angola ou Moçambique?

Em Angola não, mas já estive em Moçambique em três momentos com projetos da ONGD marista SED. Com o irmão João Torcato de Portugal e uma voluntária Lola, de Salamanca, começamos em 1994 uma escola rural em Manhica que agora ajuda a mais de 1500 alunos. Voluntários da Fundação Champagnat continuaram este trabalho durante anos. Este verão o Ir. João Pedro com dois voluntários da Marcha apoiará a obra marista lá.

- Mas, com uma experiência tão rica em África, porque voltou para Espanha e agora está em Portugal?

A minha vocação de irmão marista procura seguir o exemplo do Pe. Champagnat, dedicar a vida às crianças e jovens mais carenciados. E quando o podes fazer, até de forma literal, num pequeno lar como na Casa da Criança de Tires, com 12 crianças que precisam de todo teu carinho, isto é uma bênção do Espírito. Por isso pedi vir cá. Nos cursos passados como professor de EMRC e neste como Catequista o que eu valorizo, com toda a minha especialização em Teologia e Antropologia, é se sou capaz de transmitir que Deus e Jesus Cristo sejam conhecidos e amados. Para mim é o mais importante. Os alunos e as famílias vão ter que clarificar o seu interesse pela educação religiosa e ética que nos oferecemos no Colégio. Não se trata unicamente das aulas de EMRC mas sim de uma educação transversal em espiritualidade.

- Sabemos que nos Colégios maristas se fala de Maria, como vive o Ir. Jack a devoção a Maria?

Como irmão marista, por nome e tradição, Maria tem uma presença feminina, para mim necessária e sanadora. Ilumina as minhas relações e enriquece e liberta a minha vida emocional no meio de uma sociedade plural de homens e mulheres que partilham cada vez mais em igualdade e respeito. Outra vez é o ser irmão, a fraternidade, o que dá sentido a minha vocação que se alimenta da amizade com Jesus. O sonho e o compromisso da missão compartilhada de professores, educadoras, funcionários, irmãos que assumem em equipa diferentes responsabilidades estarão sempre connosco.

- Depois deste tempo em Portugal, o Irmão gosta viver cá?

Morar em Carcavelos, a beira-mar, é uma grande sorte, desde sempre gostei e sigo fascinado pelo mar. Já estive no Lar Marista de Ermesinde (Porto) em 2003-06. Mas ser irmão marista pede uma vocação internacional e intercultural como foi com o Pe. Champagnat que dizia “Todas as Dioceses do mundo entram nos nossos planos”. Por isso que agora estou cá e amanhã poderia estar noutra lugar como já foi no passado em África e América. O importante é viver a tua vocação numa comunidade que segue a Jesus que é quem chama e nos acompanha donde queira que estejamos.

(Boletim Informativo Colégio Marista Carcavelos, nº 25 /2012)





Instituição
Particular
de Solidariedade
Social

Um Lar
para
aprender
a viver

LAR MARISTA-ERMESINDE



O LAR MARISTA

** Fundado em 1994 pelo Irmão João Silva, o Lar Marista de Ermesinde, que pertence aos Irmãos Maristas, é uma Instituição Particular de Solidariedade Social, que tem por objectivo apoiar crianças e jovens desintegrados do meio familiar e da sociedade. É uma instituição sem fins lucrativos e de utilidade pública, inscrita no Centro Regional de Seuranca Social.*

*** A Congregação dos Irmãos Maristas**

é uma instituição educativa da Igreja Católica, fundada pelo Pe. Marcelino Champagnat. Como ele, o Lar Marista procura recriar uma família, um lar para viver e crescer à sombra duma mãe, Maria. Este projecto educativo é partilhado entre Irmãos e Leigos, dirigido a mais de trinta utentes entre os 8 e os 18 anos.

O Lar tem por objectivos, entre outros, proporcionar aos utentes as condições que permitam proteger e promover a sua segurança, a educação, o bem-estar e desenvolvimento integral.

O Lar marista trabalha através de:

- * Apoio junto aos familiares, e colaboração e contactos com as escolas.
- * Recurso aos serviços médicos, e outros mais especiais.
 - * Desportos e actividades culturais.
- * Ateliês e actividades na quinta e na horta.
- * Apoio profissional para a sua autonomia de vida no futuro.



O COMPROMISO DO LAR

* *O Lar Marista orienta-se* pelos princípios e estilo educativo próprio do Instituto dos Irmãos Maristas.:

- * *presença amorosa junto às crianças*
- * *escuta e diálogo baseados na confiança*
- * *simplicidade e sinceridade*
- * *amor ao trabalho*
- * *espírito de família ao estilo de Maria*



“Para bem educar as crianças é preciso, antes de tudo amá-las”

O Lar Marista tem o compromisso de:

- * Proporcionar estruturas, tão aproximadas quanto possível, das famílias, e apoiar as famílias dos utentes
- * Relacionar-se com os serviços da comunidade local, e facilitar a inserção dos utentes na sociedade
- * Trabalhar todas as oportunidades educativas dos utentes, e ao completar a sua escolaridade, oferecer-lhe oficinas de formação profissional.
- * Acompanhar os utentes num **Projecto de Vida.**



LIGA DE AMIGOS DO LAR

* O Lar Marista, como Instituição Particular de Solidariedade Social, sem fins lucrativos e de utilidade pública, está inscrita no Centro regional de Segurança Social. Através de um acordo com o ISS financia dois terços do seu orçamento anual.

As famílias dos utentes contribuem com uma percentagem de acordo a sua situação económica.

* Mas além disso o Lar precisa e recebe ajuda do Instituto dos Irmãos Maristas, e dos “Amigos do Lar”, como roupas e materiais desportivos dos Colégios Maristas de Lisboa e Carcavelos, alguns produtos alimentares do Hipermercado Continente, e apoios específicos através de parcerias com o Centro de Saúde de Ermesinde, as Escolas de Agrupamento Vertical de São Lourenço, O DESEMPENHO – Centro Terapêutico, e o Centro de Emprego de Valongo.



Tu podes pertencer à
LIGA DE AMIGOS do Lar Marista!

Todos somos poucos... Poderá ser amigo do Lar:

- * Através de um compromisso de voluntariado:
- * Apoiando os projectos do Lar em campanha de angariação de fundos.
- * Oferecendo tua família como “família de acolhimento”.
- * *Ou com uma contribuição pecuniária*
- bem seja de forma pontual trazendo o dinheiro pessoalmente ou através de doações para a conta de Lar

Banco Totta
Nº 0018 0000 0794791 400171

- ou bem periodicamente como sócio do Lar Marista através duma transferência bancária preenchendo à forma doutro lado da folha e enviando-a ao Lar.

Em ambos casos pode pedir um recibo para apresentação na declaração da renda e obter uma desgravuação de 20%.

O Kiko morreu

Quando o Jorge Padilla voltou domingo à tarde, a primeira coisa que fez foi olhar para a casota do Kiko, nosso cão. Mas o Kiko já não estava lá, nem para saudar com o rabo, nem para brincar ou ladrar ameaçador

Tinha morrido na noite anterior, acho que pelas quatro horas, porque acordei de repente no meio da noite, ao ouvir algum barulho entre latidos e soluços, as suas últimas palavras. De manhã, apareceu na mesma posição em que costumava dormir, estirado no chão, mas morto, já frio.

O irmão Rui e o Sr. Avelino enterraram-no num buraco, no canto do quintal.



O Kiko era novinho, gostava de jogar com os rapazes, mesmo ao futebol no seu estilo, ladrava não para intimidar, mas para atrair a atenção, ainda criança, um rapaz mais entre os rapazes do Lar Marista. Ao contrário do Rex, feroz, grandalhão, disposto a morder com os seus dentes terríveis... Alguns rapazes perguntaram-me pelo Kiko, mas já o esqueceram, só Padilla continua a olhar na direcção do território do Kiko, agora vazio.

Para onde é que foi o Kiko? Porquê morreu? Eu não sei o que dizer, não posso responder a essa pergunta. Mesmo se o Kiko era (ou é?) um cão, era vida, amigo, carinho, companhia... E para a maioria dos nossos rapazes, por vezes “cães perdidos sem coleira”, a sua identificação com um cão é maior que para outros meninos.

Não soube explicar-lhe a morte do Kiko. E, se isso já foi difícil, como vou eu a explicar-lhe a morte dum avô, duns pais, duma irmãzinha? A morte do Kiko não tem sentido, nenhuma morte o tem, porque a morte não é um problema, é um mistério que nos faz valorizar a vida, e podemos, e devemos falar sobre ela com os nossos filhos e crianças, quando surge, quando nos bate à porta.

Como educador, eu tinha que ter falado mais com o Padilla, lembrarmo-nos juntos da vida do Kiko, aqueles jogos, saltos e brincadeiras, ter comentado que sim, que os cães também têm um céu próprio, tê-lo acompanhado a visitar a terra ainda húmida, e ter sonhado juntos com o Kiko saltando de estrela em estrela...

Pronto, não mais uma oportunidade educativa, tão importante, perdida...

A procura da mãe...

“Olha, que é isto..., o Adelino acaba de dar-me”. Dentro da bolsa de papel uma caixinha decorada, e, oh surpresa, ainda dentro da caixinha uns laços tecidos e coloridos, e uma rosa branca! Susana (a Dra. Susana, Assistente Social do Lar Marista) é a nova mãe do Adelino, a mãe que não veio no Dia da Mãe, que não veio sexta a tarde a recolher seu filho, a mãe que prometeu pelo telemóvel Sábado de manhã que estava em caminho e nunca apareceu.



O Adelino estava tudo preparado, vestindo o casaco branco que a mãe regalou, com a sua pasta cheia de roupa para o fim de semana, e uma carta postal desenhada por ele junto dum presente elaborado na escola para o Dia da Mãe. Mas a mãe, Da. Elvira, não apareceu na sexta e fomos, Adelino e eu a Procissão de N. S. de Fátima pelas ruas de Ermesinde, e procuramos o segundo pai do Adelino, o Sr. Artur, e forma beijos de alívio ao encontrar a segunda mãe Da. Helena com a menina Mariana, e, a volta, o Adelino veio agarrado da minha mão, eu sentindo-me o terceiro pai, (o primeiro em cadeia por tráfico de droga e abuso de menores)...

No sábado acordamos cedo os dois ainda confiantes na promessa de Da. Elvira. Duche, roupa limpa, a pasta preparada com os presentes...; por volta do meio-dia desde a varanda vi o Adelino num canto do ringue sentado, com os olhos baixos, abraçado à bola, engolindo o engano.

Por sorte a Dra. Susana me tinha convidado a sua casa para ver o DVD da boda e lá fomos e comemos e rimos. O Adelino comeu e comeu, e quando voltamos ao lar e antes do deitar perguntei o que achava da mãe não ter vindo ele disse “sei – lá”, e dormiu. No Domingo quando foi acordar o Adelino ele já estava desde cedo a dar pontapés à bola no ringue. Fomos à Igreja, comemos bem no Lar, saímos ao Parque da Cidade e a Internet, bebemos um Frisumo..., o Adelino deixando correr as horas.

Quando por volta das 17h00 começaram a voltar o resto dos rapazes do FDS. o Adelino já deu sinais de tensão e Da. Inês teve de isolá-lo no quarto.

Hoje, Segunda feira a noite, e quando já todos os pequenos estavam deitados, o Adelino ofereceu seu presente do Dia da Mãe, preparado há duas semanas, à Dra. Susana, sua terceira mãe. Ou será a segunda, ou a única?

Os cachorros de qualquer animal estão sempre a procura de um lugar quente, uma pele para tocar e ser tocados, e assim crescem seu sistema nervoso e emocional. O Adelino leva anos à procura de um cantinho quente, de uma pele, sempre mudando de lugar e de contacto. Como a sua mãe ele corre o risco toda a sua vida e desde já de se ofertar a qualquer tacto, qualquer contacto.

Una cobra na piscina

Achei bem, ela, a cobra, estava ali. Quando abri uma das duas tampas brancas que servem para esvaziar e purificar a piscina, apareceu debaixo, pequena, mas perigosa, cor castanho-escuro, quase cinzento, pele às riscas, cabeça triangular..., uma víbora venenosa.

No silêncio da nossa piscina do Lar, coberta com uma estrutura de plástico, quase se podia ouvir ou, talvez eu tenho imaginado, o assobio do réptil olhando-me agressivo...

Eu lembrei-me que o arquiteto e alguns rapazes tinham tomado banho umas horas antes sem saber que a cobra estava dentro a olhá-los silenciosamente.

Empurrei-a para a tona da água e observei como nadava fazendo ondinhas a luz refletindo as suas cores. Logo a apanhei com um pau e, mesmo com receio, embora tenha na minha história em África muitas cobras mortas maiores e mais perigosas, esmaguei-lhe a cabeça. Apanhei-a pela cauda toda ela a enroscar-se, ainda o sangue quente, e levei-a pela aula de estudo para mostrar aos rapazes. De repente espantados, mas depois curiosos, não acabavam de fazer perguntas até que o Sérgio, mais ousado, a apanhou, lavou, e mostrou pela casa como um troféu, e atemorizando os pequenos e as educadoras.

Eu, que gosto de encontrar sinais secretos nos pequenos sucessos de cada dia, e de construir símbolos com a rica cultura tradicional de cada povo, não tive necessidade de esperar: uma briga entre rapazes do Lar (uma das muitas de cada dia), que acabou em pancadas e pontapés (não é verdade que sempre acabam assim?), lembrou-me aquela víbora venenosa. A violência, sobretudo sofrida e reprimida, esconde a cabeça e, de repente, lança seu veneno com força.

Matá-la? Controlá-la pelo desporto organizado e competitivo como futebol, basquetebol, luta "full-contact", por saídas pela natureza e à praia? Pô-la a luz em partilhas, e debate de tempos a tempos?

Qualquer coisa, mas nunca reprimi-la, nunca a deixar crescer num clima de impunidade e silêncio.



O novo utente E. F.

No recreio da tarde, às 18.30 horas, eu estava com quatro rapazes dos pequenos a treinar na cesta de basquetebol, recém-marcadas as linhas com giz. O novo utente, há duas semanas no Lar e já fugiu 48 horas depois do ingresso, pediu para jogar conosco. Convidei-o para a fila com os outros. Quando foi a sua vez apanhou a bola, rindo, deu-lhe um pontapé para a horta, e saiu a correr... Perguntei-lhe porquê, expliquei quais são as normas e regras, mas cinco minutos depois, e aproveitando que a bola caiu perto dele, apanhou-a e fez exatamente o mesmo, com as seguintes ameaças e aborrecimento de todos, aos quais tive que acalmar para não lhe baterem.



Saiu a correr, caminhando perigosamente acima da balastrada do campo perto das luzes; deixei o grupo e fui chamá-lo. Ao recriminá-lo, continuou; perguntei se ia obedecer alguma vez, contestou que não, e saiu a correr na escuridão do jardim...

Emanuel Filipe, eu acho (!) que tem nove anos *, está a apanhar pancada de todos os lados porque é especial, muito "especial". Felipe não parece ter medo de ninguém, mesmo dos rapazes grandes, e provoca-os por qualquer coisa acabando por ser o bode expiatório em muitas situações.... Outra vez, a D^a Inês encontrou-o levando roupa do companheiro do quarto, e quando lhe perguntou, ele negou tudo. Com frequência não escuta nem obedece às ordens dos educadores; vários dias, ao ir deitar, apagou e acendeu as luzes do quarto depois de recriminado, mas tudo sem malícia (?), mentiras sem consciência, com um riso...

E. F. tem muita dificuldade em integrar-se numa atividade de grupo sem precisar de atenção contínua para qualquer passo a dar; gosta de abraçar, de se encostar a mim e acariciar-me a cara, de preferência as orelhas..., como fazia o meu sobrinho Fernando quando tinha cinco anos!

Quem deve cuidar dele? Quem assume uma responsabilidade por negligência numa queda ou acidente? Não eu, com outros doze rapazes a vigiar e controlar, dificilmente a educar nessa situação! Por que e como posso aceitar trabalhar no seu processo educativo se não fui informado nem conheço um mínimo da sua problemática? Quais foram os passos do Regulamento Interno dados para a sua admissão no Lar?

Em todo o caso, é este o Lar ou Centro mais indicado para ele? E, temos o pessoal para este serviço?

Entre o meu compromisso e desejo de apoiar os mais fracos e os mais desamparados, como E. F., e uma situação onde a tomada de decisões demora, e o trabalho de equipa é muito fraco no acompanhamento dos processos educativos dos rapazes, existe um conflito pessoal e profissional que tenho que resolver. O caso do novo utente E. F. salienta de forma dolorosa algumas das carências do nosso projeto educativo, mas também alguns dos principais desafios do Lar Marista.

Saber ler os olhos. O Serginho.

O mais novo dos rapazes no **Lar Marista de Ermesinde**, o pequeno **Sérgio**, chegou choroso à piscina e não queria entrar. Por dois dias ficou fora choramingando, hesitante entre o medo e o desejo de mergulhar na água e brincar com os outros rapazes.

Hoje, **Daniela**, usando toda a sua persuasão de psicóloga e a melhor charme, tentou persuadi-lo. Nada se podia fazer, promessas, mentiras..., finalmente, e aproveitando de um dos seus protestos “depois vou”, e lendo a intensa inveja nos seus olhos, eu apanhei - o de surpresa pelo braço e arrastei-o dentro da água mergulhando comigo.

“Mamã, mamã!!!” Seus gritos de espanto e o terror na sua cara não demoraram sequer dez segundos. Abafando-me, pegado ao meu colo, o Sérgio começou a gritar, rir, chamar a Doutora,- *Doutora Daniela, Doutora, olhe, olhe!* - totalmente invadido pelo prazer da água na pele, pela satisfação do triunfo, pela conquista de estar com os outros, pelo feito de ter mergulhado e ainda estar vivo...



Parábola pedagógica entre um rapaz de sete anos e um educador velhote de sessenta? Que prazer a minha idade de brincar com as crianças e educar brincando, de saber ler nos olhos de uma criança o momento exacto onde um pequeno empurrão vence o medo e pode continuar a aventura de nascer... Esta descoberta, repetida cada ano, de um menino mergulhar em águas desconhecidas e ameaçadoras onde joga a vida nessa decisão vale mais que um doutorado em psicologia, que uma menção nos jornais.

Ser educador num Lar é difícil e tão simples como aprender as dúzias de gestos de qualquer pai ou mãe, partilhar a tua vida com os meninos com carinho. O Serginho ainda precisa de louvar a sua conquista do medo, de ligar os laços das sapatilhas, de aprender a andar em bicicleta, e, com mais outros, de partilhar um sorriso de manhã porque dormiram sem fazer xixi...

Depois, o Sérgio já estava como peixe na água, às cavalitas, palmadas na água, ataque aos tubarões que iam detrás de nós...e, finalmente, quando todos tinham de sair, sozinho, agarrado ao rebordo da piscina, queria ficar dentro e tive de o empurrar para fora.

“Abençoados vocês, porque o Reino dos Céus pertence a estas crianças..”. Abençoados os que sabem ler com o coração o que está oculto aos olhos, os que sabem ler nos olhos o que está oculto nos seus corações, abençoados os que sabem despertar nos seus corações as emoções que lutam por nascer.

O Pedrinho, o mais novo

O Pedrinho, nove anos, chegou ontem à noite, às 12.00 horas, “escortado” por dois polícias e o chefe. Eles cumpriam ordens do juiz tutelar de menores para removê-lo da casa e trazê-lo ao Lar Marista.

Coitado, o Pedrinho, pequeno, lourinho, nervoso, hiperativo..., não regressou depois das férias de verão, gosta de morar com os seus pais e eles com o seu filho único, mas alguma coisa se passou mal. Talvez algo não funcione na cabeça deles, um bocadinho tolos, um pouco de incúria. O rapaz comparece pouco à escola, não faz vida de menino, fica embevecido dia após dia frente à TV. Os pais não têm a capacidade nem a responsabilidade para oferecer um ambiente familiar normal, e deixam o “cãozinho” em total liberdade...

Então? O Pedrinho já ficou no Lar, fugiu algumas vezes, a polícia o encontrou na estrada de Lisboa a pedir boleia para regressar a casa.

Enquanto o irmão Domingos falava com os polícias o Pedrinho e eu tive nossa primeira conversa. Desperto, falador, meigo, a me aliciar para pedir-me a pulseira colorida de Guatemala, exigir-me que o treine em natação. Finalmente os papéis foram assinados e o Lar Marista reassumiu a tutela. Depois dum banho quente adormeceu, não sei se sonhando com os anjos ou com a sua mágoa e liberdade tolhidas.

Um menino e uns pais, entre um lar familiar e um lar grandão, qual é o melhor? Por que ficar aqui se ele não gosta? Por que esta medida de intervenção da Segurança Social? É para evitar uma situação de perigo, perigo na sua formação, educação, desenvolvimento? E, não poderia a Segurança Social, o juiz, ter tomado uma intervenção mínima, uma medida tutelar educativa no âmbito da legislação, ou talvez designar um vizinho responsável pelo rapaz, uma pessoa idónea, um tutor ou professor que cada dia acompanhasse e controlasse para que o Pedrinho frequentasse a escola com assiduidade e aproveitamento? E se os trabalhadores sociais fizessem um pouco mais de terapia familiar e procurassem sempre o que é o melhor para os rapazes?

Eu acho que o Pedrinho, que o caso dele, interroga a prática da legislação de proteção de crianças e menores, e exigem uma pesquisa especial. Acho que ele poderia morar muito melhor no seu lar familiar. E tudo isto com a décima parte das verbas necessárias no primeiro caso. Por enquanto dei-lhe a pulseira e ofereci-me para treiná-lo na piscina. Gosto de achar que por isso, e outras tantas coisas mais como a paciência e o carinho das educadoras, ele vai demorar um bocadinho mais a fugir.



“Sou eu, o Ricardo, tenho medo”

Não tinha vivido o meu melhor dia no Lar. Se calhar, até o estudo da tarde com os pequenos foi problemático, com os gêmeos a rir sem razão e o Zé a demonstrar que poder ser mais bruto que nenhum. Finalmente, no corredor dos quartos, tive de gritar e ameaçar o Ricardo e o Zé para se deitarem e dormiram rapidamente. Quando voltei lá, depois de uma longa espera, ainda zangado, tive, outra vez, de intervir e de cortar a conversa do quarto do Sérgio.

E então fechei a chave a porta do meu quarto, tanto para fugir destes rapazes como por um reflexo condicionado depois da cansativa publicidade do caso de pedofilia da Casa Pia de Lisboa.

E, agora, as duas da manhã, de repente, uns golpes na porta acordam-me: “Que se passa, quem anda aí?” E um sussurro: “Sou eu, estou cá, tenho medo”. É o Ricardo menor, onze anos. Abro a porta, e já não estou zangado nem adormecido. “Eu estou cá, tenho medo, havia alguém...”

Agora sinto carinho, afeto, acolhimento por este rapaz com medo no meio da noite. “Não faz mal, ninguém está cá, olha, não há fantasmas. Tiveste um pesadelo. Vamos pra a cama, vou ficar contigo um bocadinho, tu dorme, eu estou cá. Se acordares outra vez chama-me”.

O Ricardo já dorme. Pequeno, mesmo com o seu semblante de boneco risonho, é na rixa, pelo menos uma vez por dia, que descobrimos seu verdadeiro temperamento. É nervoso, nas brigas todos os seus controles desaparecem, e surge o colérico, o ciumento, o vingativo, de punhos adiante, prontos a lutar, mesmo contra rapazes maiores e mais fortes. Disposto a ganhar em tudo, em duas semanas passou de segurar-se aos rebordos da piscina a cruzá-la no comprimento.

Donde vem o sentimento de desamparado desta criança? Foi só aquele jogo de fantasmas na floresta do dia anterior que o impressionou? É um ataque de angústia de um acontecimento traumático passado? Foi ele vítima de uma violência qualquer agora projetada num mau sonho? No resto da noite quase em branco, as imagens da minha infância retornam como se fosse ontem. Aquela noite em que vi e ouvi uma mão arrastando uma faca por baixo do cobertor da cama e acordei com o corpo coberto de borbulhas. Ah!, os sonhos das crianças...

E agora sim, um sono profundo invade-me, e sonho com os anjos da guarda e os pais contando contos ao pé da cama dos filhos, e com educadores que os ajudem a criar defesas internas e a sentirem-se protegidos, sonho com um paraíso de saúde e paz para o Ricardo e todos estes rapazes.



DOCUMENTO

“Lares de crianças e jovens na Região de Porto/Braga”

Apresento aqui um resumo de parte da informação recolhida nas visitas feitas a mais de dez lares no final de 2004 e principio de 2005.

As áreas da pesquisa nos lares foram:

- *A organização e educação em grupos*
- *O funcionamento dos fins-de-semana*
- *O trabalho do Lar com as famílias*

De facto, a preocupação sobre como melhorar o estilo educativo e desenvolver condições de um ambiente familiar no Lar Marista de Ermesinde, foi o objectivo que me levou primeiro a pesquisar na legislação portuguesa sobre o tema, e, depois, a programar esta série de visitas a diferentes Lares de crianças, a procura de informação sobre a interpretação e aplicação prática da legislação portuguesa sobre o tema, e o seu espírito, nomeadamente a aplicação do *Decreto-lei nº 2 / 86 de 2 de Janeiro* sobre “a organização interna dos Lares e condições de acolhimento aproximadas à estrutura familiar”.



- *Lar Marista, (Ermesinde)*
- *Lar Rosa Santos, (Porto)*
- *Colégio São Caetano, (Braga)*
- *Lar de jovens São Lázaro, (Braga)*
- *O Gaiato, (Paço de Souza)*
- *Lar Bom Pastor, (Ermesinde)*

FICHA 0 - Notas e informações

Lar Marista de Ermesinde

Lar Marista (IPSS)

Rua de Sonhos, 360

4445-605 ERMESINDE. PORTUGAL

Tel. 229 717 650 Fax: 229 757 986



Como voluntário e educador no Lar Marista durante mais de um ano, e participante nas reuniões da Equipa Educativa, tenho consciência da muita complexidade da problemática, e da interligação destes dois temas pontuais, “estrutura familiar” e “fins-de-semana”, com o resto da organização, administração, e programa educativo do Lar.

O Regulamento Interno do Lar Marista recolhe algumas das ideias sobre este tema, mas são as decisões e a prática do dia-a-dia que marcam a realidade e o progresso realizado nesta área.

1. Organização em estrutura familiar (“Grupos”)

* O Lar Marista orienta-se pelos princípios e a prática educativa marista, e por isso, com os menores privados do meio familiar, através da presença, relacionamento e carinho, trata de desenvolver condições de acolhimento e educação substitutivas da família, ao tempo que oferece apoio junto das famílias. (Ref.: Regulamento Interno art. 3, 4)

* Parece que nos primeiros anos, e ajudados pelos grupos reduzidos e a estrutura da casa, muitas das condições tem favorecido certo ambiente e organização de família. Com a ampliação do prédio em 2002, não achada em termos de “Casas”, e o conseqüente incremento de utentes até 30 – 35, está resultando mais difícil desenvolver condições que favoreçam uma estrutura de vida familiar.

* Os rapazes do Lar Marista em 2004 estão divididos em três grupos, por idades, que afectam a distribuição em camaratas, o estudo da noite, e algumas actividades pontuais como o uso da Piscina, o uso periódico de uma sala de TV pelos Grandes, e a catequese dos Pequenos. No Curso 2003 o momento do recreio das tardes fez-se por grupos, experiência que se quer repetir dados os resultados positivos.

Não há um educador responsável de cada grupo, nem se tem identidade de grupo, mas por outra parte se favorece o relacionamento e o trabalho com os Encarregados de Educação.

* Por turno de rota os rapazes realizam as tarefas simples de limpeza na casa e ajudam na copa depois das refeições; alguns ajudam pontualmente na horta, galinheiro, ou jardim, e, todos, quando se precisa numa tarefa específica.

* A ampliação de alguns espaços físicos e serviços no Lar Marista (Ginásio, Pista Desportiva Polivalente) poderia ajudar a melhorar algumas das condições para uma educação por grupos, mesmo que o desafio de uma educação progressiva e diferenciada desde o ponto de vista psicológico e emocional vai muito mais longe que a existência de qualquer estrutura física ou organizativa.

2. Fins-de-semana, (trabalho com as famílias)

* A política educativa do Lar está recolhida no Regulamento Interno: Os fins-de-semana e os feriados são gozados pelos utentes em família. Em caso de necessidade reconhecida podem ficar no Lar. (Ref.: Cap. X). O protocolo assinado com o ISSS assegura o funcionamento do Lar tanto nos fins-de-semana como nas férias.

* Esta pratica é, em princípio, apresentada e ajustada com as famílias dos utentes no seu processo de admissão. Por vezes o Lar tem experimentado dificuldades de última hora, seja devido à incapacidade de algumas famílias em assumir o seu compromisso, seja à falta de planificação ou imponderáveis surgidos nas famílias ou no Lar.

* Na pratica em 2004 - 2005 todos os rapazes vão com as famílias, três deles com famílias de acolhimento, e só pontualmente, e por diferentes motivos, alguns rapazes ficam algum fim-de-semana no Lar ou com uma família amiga.

* Em diferentes reuniões a Equipa Técnica tem partilhado sobre o tema e as implicações organizativas e educativas no caso de um ou vários utentes ficaram no Lar regularmente; em debate as necessidades de acompanhamento destes utentes, a estrutura do Lar, etc.

* A assistente Social do Lar tem apresentado e levado adiante parte de um programa de visitas domiciliarias (contemplado no Regulamento Interno) que, além de incidir directamente na avaliação do Projecto de Vida dos rapazes, pode contribuir positivamente na avaliação das necessidades, problemas e conveniência de alguns utentes passarem fins-de-semana e férias como família natural.

3. Outros aspectos de interesse

*** Com motivo da celebração do Encontro Internacional de Famílias de Afecto (Braga, Outubro 2004) e os contactos com outros lares está ficando claro:**

- 1. A diferente pratica e experiências em relação aos fins-de-semana**
- 2. O recurso generalizado nos Lares, positivo em muitos casos e a ser avaliado em outros, às Famílias de Afecto ou Amigas que acolhem meninos tanto em períodos de férias como nos fins-de-semana**
- 3. A aceitação, e, mesmo o apoio oficial em alguns casos dos CPCJ e do ISSS**
- 4. A prioridade dada ao contacto com as famílias naturais, tanto de parte dos lares como no programa educativo dos meninos.**
- 5. A repetição de uma queixa constante sobre a não existência ou deficiência do trabalho com as famílias realizado pelas Assistentes Sociais (A. S. da família do ISSS).**

Irmão Jack G. 12 / Janeiro, 2005

Ref.: Programa Famílias de Afecto



Ficha 1 - Notas e informações da visita ao LAR ROSA SANTOS (IPSS)

Lar Rosa Santos

Rua João Pedro Ribeiro, 785 (perto Praça Marquês de Pombal)

PORTO. Tel. 225 074 940. ref. Irmã Auxília

- O propósito da minha visita era de continuar a pesquisa sobre dois temas de interesse para nosso Lar Marista:

- A organização e educação em grupos (64 meninas entre 4 e mais de 20 anos!)

- O funcionamento dos fins-de-semana, e trabalho do Lar com as famílias

Informação sobre estas questões e muitas outras estão recolhidas na cópia do Regulamento Interno, generosamente oferecida pela Directora Irmã Auxília após a minha visita às instalações e partilha com a Directora, o Psicólogo, e algumas das meninas.

Registo somente os aspectos que mais me chamaram a atenção.

1. Organização em grupos

* Desde a estrutura física do edifício até rotinas diárias, com a integração das meninas nas tarefas da casa, se favorece o trabalho, relacionamento e educação em grupos (4 x 16 meninas com uma educadora responsável). Quatro áreas de camaratas (diferentes idades) sempre abertas e muito decoradas e “personalizadas”, com um cantinho de convívio (cadeirões, tapete, TV e vídeo), quadro de actividades e criatividade.

* Quatro salas de “estudo-convívio” com computadores, uma sala de costura e actividades manuais, sala de música. A estrutura de grupo, mista em idades, favorece um processo de responsabilidade das grandes em tarefas, cuidado das pequenas, disciplina...

* Participação em grupos na catequese da Paróquia, nos grupos de Escoteiras, “partilha-reflexão-oração” todos os dias em quatro grupos com a educadora.

Em geral percebi um ambiente de liberdade e alegria, muito movimento livre pela casa, e, como falou a Directora, “as meninas sentem e moram como na sua casa”.

2. Fins-de-semana

- Já o Regulamento Interno prima que todas as crianças passem os fins-de-semana e férias com as suas famílias ou outras, e estabelece que esta permanência da criança constitui um componente essencial no seu processo formativo e educacional. Quando não fosse possível o Lar procura famílias amigas para que essas crianças tenham a experiência duma vida famílias sadia.

Está recomendado que a Assistente Social visite as famílias com frequência, além de manter contacto telefónico regularmente.

3. Outros aspectos de interesse

- Regularmente são umas cinco ou seis meninas que se beneficiam deste serviço desde há muitos anos, com uma experiência positiva, tanto assim que algumas das meninas têm ficado com essas famílias amigas ao termo do seu internamento. Então a medida se comunica ao Tribunal.
- Alguns fins-de-semana ficam no LAR por volta de seis meninas, entre as grandes, na maioria dos casos para estudar.

Irmão Jack G. 10/ Novembro, 2004

Ref.: Programa Famílias de Afecto

Ficha 2 - Notas e informações da visita ao Col. São Caetano, Lar de Jovens

Colégio São Caetano (IPSS)

Rua Maximinos (Estação Galp)

Braga - Tel. 253 691 166. (ref. Irmão Figueiredo. Irmãos de La Salle)

- *Continuação da pesquisa sobre:*

- *A organização e educação em grupos (80 meninos e 15 meninas)*

- *O funcionamento dos fins-de-semana*

Documentos ajuntados: Plano educativo do Lar de Jovens. Plano da Actividades das Comissões.

Projecto e o edificio já antigos foram encomendados aos Irmãos de La Salle a partir de 1933. O edificio actual foi remodelado e inaugurado em 1999. A ambientação e decoração do edificio me parecem interessantes.

1. Organização em grupos.

* O: mesmo assim o Director falou da necessidade de algumas reformas para trabalhar em grupos mais pequenos (12 a 15 utentes). São quatro grupos: Pequenos (1º Ciclo), Médios (5º e 6º), Grandes (7º... e F. P.), Meninas. Responsáveis: Um irmão e três educadores por grupo.

* Área de camaratas separadas por grupos, três utentes por camarata, os quartos dos Grandes integrando balneários. Cada área com um cantinho para TV e convívio (mesa, ambientação, cadeirões...), e outro cantinho (decoração, tapete...) para reflexão e oração de grupo com o educador (actividade feita todos as noites). Três salas de estudo.

* Participação em grupos na Eucaristia dos domingos na Capela grande; em celebrações, por grupos, na capela da Comunidade.

* Antigos utentes têm algum acompanhamento. Há cinco num andar alugado com cinco utentes que continuam a pertencer ao Lar; dois estudam e trabalham (os fins-de-semana) na Estação da Galp "do Lar".

Apesar de ter somente uma Psicóloga e um Educador social (com funções de Assistente Social) parecem fazer um bom trabalho de seguimento pessoal e inter-acção de grupo.

2. Fins-de-semana

* Entre os Médios e os Grandes fica um grupo pequeno (por volta de 12); do grupo dos Pequenos, com mais problemas familiares, podem ficar outros 12-15. Não estão contentes com o programa de Famílias de Afecto de Braga nem com às famílias de acolhimento; as vezes pedem às famílias amigas para acolher algum rapaz.

* Os fins-de-semana ficam no Lar quatro funcionários, em regime de rotatividade, e em acordo com eles, acrescentam em igual número de dias de fêria em Natal ou Verão os dias de trabalho dos fins-de-semana.

3. Outros aspectos de interesse

- Na equipa são 3 irmãos e 12 educadores, (apoiados para pelo pessoal auxiliar e de serviços) As reuniões são quinzenais.

- Um esquema de financiamento é o aluguer do prédio para uma Estação da Galp.

- O Lar S. Caetano reúne-se cada mês com outras instituições semelhantes em Braga, uma vez por mês, para intercambio de experiências e conhecimento da realidade dos outros lares.

Irmão Jack G. 17/ Novembro, 2004

Ref.: Programa Famílias de Afecto

Ficha 3 - Notas e informações da visita à Oficina de S. José, Lar de Jovens

Lar de Jovens São Lázaro (IPSS)

Rua do Raio 47

Braga - Tel. 253 609 100. (ref. Director Dr. Hélder. Psicóloga Dra. Liliana. Fundação da Diocese)

- *Continuação da pesquisa sobre:*

- *A organização e educação em grupos (40 rapazes entre 6 e 18 anos)*
- *O funcionamento dos fins-de-semana*

Documentos ajuntados: Plano educativo do Lar de Jovens. O edifício é já antigo, e o Dr. Hélder falou da urgente necessidade de remodelação para melhor adaptar às directivas da Legislação actual.

1. Organização em grupos.

- * São três grupos, mesmo se na prática ficam dois (rapazes do 1º Ciclo, e o resto) e um dos mais velhos (utentes em FP e em emprego).
- * Na equipa total com 20 pessoas há quatro educadores permanentes “internos” no Lar que assumem a responsabilidade de cada grupo e moram no Lar.
- * Com o grande problema do insucesso escolar há um grupo de utentes que segue FP de carpintaria, ou de Informática, ou Restauração. O Lar procura junto das Empresas trabalho para alguns dos utentes quando fica avaliada sua incapacidade e continuar na Escola.

2. Fins-de-semana

- * Dos 40 utentes, em geral, ficam no Lar por volta dos 10, entre eles os “grandes” (entre 20 e 28 anos). O Lar acha que as Assistentes sociais do ISS não estão a fazer seu trabalho perto das famílias para avaliar a situação das crianças e a necessidade de permanecer no Lar. Não estão a utilizar o Programa de Famílias de Afecto de Braga, e preferem trabalhar directamente com famílias amigas sem outros intermediários já que a toda responsabilidade fica com o Lar.
- * O Lar não tem problema de pessoal nos fins-de-semana tendo em conta os educadores residentes.
- * Consultado o Dr. Hélder, esperto em Direito, sobre o horário e possível conta dobro das horas dos fins-de-semana de funcionários em trabalho de rotatividade afirmou que não há nada pedido na legislação nem nos concertos das IPSS. Por enquanto os funcionários tenham no seu horário de 35 ou 40 horas folga de dois dias as horas dos fins-de-semana não acrescem o horário.

3. Outros aspectos de interesse

- * Entre as receitas extraordinárias para o financiamento o Lar conta com as receitas do parque de estacionamento.

Irmão Jack G. 17/ Novembro, 2004

Ref.: Programa Famílias de Afecto

Ficha 4 - Notas e informações da visita à O Gaiato de Paço de Sousa

Casa do Gaiato de Paço de Sousa (Instituição Privada)

4560-373 Paço de Sousa

Tel. 255 752 285 Fax: 255 753 799 Email: obradarua@iol.pt (ref. Padre Manuel Mendes, Padre Acílio)

- Com os mesmos objectivos das visitas anteriores neste caso estava o interesse de pesquisar sobre a pedagogia das Obras da Rua do Padre Américo, sobretudo depois da polémica desatada pela inspeção do ISS. Claramente não tinha matéria no tema dons fins-de-semana, sim sobre a organização e responsabilidades em grupos e casas, um tema central na metodologia da Obra da Rua.

Documentos ajuntados: Diário O Gaiato nº 1584, 1585

Livros. "Um grande educador português do século XX", João E. Loureiro;

"Padre Américo. Místico do Nosso Tempo", José da Rocha Ramos

1. Organização em grupos. (130 "Rapazes" entre 5 e 30 anos)

* A vida em grupo (a família) é central à Pedagogia das Casas e Lares do Gaiato, como expressão dos

Princípios Educativos da Obra da Rua:

1. Exercício da liberdade
2. Auto-governo: "Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes"
3. Exercício da responsabilidade
4. Educação pelo trabalho
5. Factor natureza
6. Vida familiar
7. Cultivo de valores humanos
8. Aspecto sobrenatural.

* Moram em quatro casas (com todos os serviços menos cozinha, refeitório e lavanderia) em grupos por idades e desenvolvimento psicológico, com um Padre e uma "Senhora", apoiados por dois rapazes. Mais um grupo de 15 no Lar do Porto (Universitários...) que volta os fins-de-semana para a Casa.

* Praticamente toda a vida da Casa está organizada em grupos, dependendo das necessidades e actividades: Escola, FP, Trabalho nas Oficinas (Imprensa, Carpintaria, Ferraria, Padaria), e os trabalhos da Casa, da Horta, etc. com um responsável maior acompanhado por outros.

* Não há funcionários nem empregados, (dois Padres e três Senhoras – Mães) os Rapazes fazem as tarefas da Casa, ajudam na cozinha (uma cozinheira), e cozinham os fins-de-semana...

2. "Fins-de-semana"

* Os Rapazes da Obra da Rua são os mais abandonados, em sua maioria "não tem família", e ficam na Casa até que procuram um trabalho e casam! Os que saem antes é porque "encontraram uma mãe, puderam integrar-se na família". "Fins-de-semana" são na "sua família e casa."

* Parece que o tempo dos fins-de-semana distribui-se entre o trabalho, o desporto, a Eucaristia do Domingo, saída à natureza, TV... Os Rapazes do Lar do Porto voltam pela Casa os fins-de-semana e participam na vida da Casa.

3. Outros aspectos de interesse

* Há muitos aspectos tanto na metodologia como na organização da Casa que merecem consideração. A Casa não recebe ajuda do ISS (não tem nem quer um Acordo) e mantém-se do trabalho da propriedade e da beneficência. Pela visita e outras informações acho que o "relatório das técnicas do ISS" é de ma fé ou não tem qualquer perspectiva da realidade da Obra da Rua.

* Aspecto Religioso: Nas Casas estava já um cantinho O Presépio de Natal; se reza antes das comidas e o Terço, não é obrigatório a Eucaristia dos Domingos.

Irmão Jack G. 01 Dezembro, 2004

Ref.: Programa Famílias de Afecto

Ficha 5 - Notas e informações da visita ao Lar Bom Pastor (IPSS)

Lar Bom Pastor

Rua Ermesinde (prédio da Igreja Bom Pastor)

ERMESINDE.

Tel. 229 710 004. (ref. Irmã Maria Odília Pereira. Antiga Mestra e educadora de uma das “Casas” do Lar).

O contexto geográfico e social, em muitos aspectos um tanto semelhante ao Lar Marista (inclusive o facto de uma das meninas ser irmã de um dos rapazes de nosso Lar), esta visita tinha os mesmos objectivos das anteriores: obter informação sobre a aplicação no Lar do Decreto-lei nº 2 / 86 de 2 de Janeiro sobre “a organização interna dos Lares e condições de acolhimento aproximadas a estrutura familiar”... (no Bom Pastor 42 meninas entre os 7 e por cima dos vinte anos), e a procura de iniciativas sobre sua pratica nos fins-de-semana, e o trabalho do Lar com as famílias. Esta informação foi recolhida numa entrevista cordial com uma das antigas educadoras do Lar e a visita a uma das três Casas onde moram as 42 raparigas.

1. Organização em estrutura familiar (“Grupos”)

* O Lar de Bom Pastor está construído e reformado para responder as novas ideias educativas e legislativas da Segurança Social em Portugal sobre a protecção de crianças e jovens em perigo (1986), e conta com três Casas no sentido total da palavra (com uma Mestra – mãe em cada, e com todos os serviços e ambientação de uma casa familiar grande, inclusive a decoração), que fazem que as condições de vida dos três grupos por idades (o maior com 15 das raparigas grandes) apresentem certa semelhança da vida familiar. As raparigas até 6º atendem aulas no Externato de Bom Pastor, e depois na Escola EB 2 / 3 de S. Lourenço, e pelo resto tem a sua vida na Casa correspondente, e fazem as “tarefas da casa.”

* Não é necessário descrever os diferentes serviços da Casa nem a sua organização, basta dizer que vai todo ligado a vida de uma família, mais alargada e com as dinâmicas próprias deste tipo de grupos.

* Desde alguns anos todas as meninas participam nos grupos da Catequese da Paróquia.

2. Fins-de-semana

* A política educativa do Lar, por enquanto seja possível, é que todas as meninas passem os fins-de-semana e férias nas famílias. No curso passado algumas ficavam os fins-de-semana no Lar. No último unicamente cinco ficaram, já que algumas pedem, por causas diferentes, ficar. Um trabalho com as famílias tem dado por resultado que neste curso praticamente todas vão para a família.

3. Outros aspectos de interesse

* A experiência do Lar com Famílias de Acolhimento não é muito positiva, preferem famílias amigas.

* A Assistente Social visita um dia por semana (com o motorista) algumas das famílias como parte do programa educativo do Lar.

* Algumas das raparigas que estão em estudos superiores ou a procura de trabalho ficam temporalmente no Lar como auxiliares.

Irmão Jack G. 10 / Janeiro, 2005

Ref.: Programa Famílias de Afecto